

## **FINS: Uma questão de princípios**

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Fiquei me perguntando qual teriam sido os fins dos princípios? Me refiro, à princípio, a “*Princípios*”, artigo do domingo passado, mas também e sobretudo, aos princípios como uma questão, *questão de princípios*. Há uma finalidade, uma razão para eles? Qual? Quais?

Herculano foi feliz com a descrição que fez da novela de Adão e Eva – mito bíblico da maior envergadura. Me pareceu que por vezes encarnou a própria “cobra presente” testemunhando o que teria sido o primeiro encontro de um homem e uma mulher e com ele o nascimento do primeiro drama conjugal, familiar (Caím que o diga) e social (vide a Babel). Encontro esse ao pé da macieira que funda não só a carne como a humanidade. Momento da rebeldia, da transgressão da lei, de provar o bem e o mal (antes ambos estavam além de ambos). Momento da renúncia à perfeição. A perfeição são para os deuses!

E o preço? Preço? A vivência do expurgo, da rejeição. Experiência da dor, do suor, das sensações. Diz Herculano que só podemos ser felizes fora do Paraíso. Eu diria que só podemos *ser* fora dele. Dentro só há lugar para a divindade não havendo espaço para a humanidade. Ser humano é não ser paradisíaco. O suor e a dor são inseparáveis dos humanos. Ainda bem, pois quando devidamente assumido, diferentemente do que se pensa, o infortúnio carrega, como a vacina, o germe de nossa própria cura. A Pró-cura de uma liberdade conquistada. Eu disse conquistada e não dada. **SOU LIVRE POR HUMANO DIREITO E NÃO POR DIVINA DÁDIVA.**

E o melhor que o Criador fez já que sabia que a coisa ia rolar mesmo, na versão inédita de Herculano, foi ter dado “um chute no traseiro” da Criatura. Carta de alforria. “*Vai Drumond (Adão) ser Gauche na vida!*” Ser esquerda na vida que para o poeta mineiro parece funcionar como sinônimo de tudo aquilo que não é direito. Bem feito. Quem mandou pecar? Quem? Deus. Afinal o pecado é tão *irresistível* como Deus o é. E , pelo que entendo, o que é irresistível é aquilo que não se pode resistir ou na melhor das hipóteses (pior para alguns) não se deseja resistir. Ou seja, pecar é preciso, pois só através do pecado ganha-se a humanidade. E aquele que tem como meta varrer o pecado da sua existência o que faz na realidade é varrer sua própria condição humana. Joga sua natureza na lata do lixo da história e desonra a criação e o criador. Concordo com meu amigo de profissão que o sagrado não teria um fim sem a dimensão do profano. Diz o Bernardo, modificando Glauber Rocha que “*Deus é o Diabo na Terra do Sol*”, ou

seja, na Terra do Sol, Deus é o Diabo, mas só nela. Pena que o Glauber não esteja vivo para criar “*O Diabo e Deus no Paraíso*”. Pois no *Paraíso o Diabo é Deus*.

Afinal, virtuoso é aquele que tem em si a experiência do vício, e que pode, escolher livremente a virtude. Ao contrário temos visto “agentes da virtude” que não pecam não pela virtude mas por força da repressão. São reprimidos, não virtuosos. Não é por acaso que Shakespeare, o bardo, deixa antever que a virtude deveria curvar-se ao vício, até para poder servi-lo e firmar-se como virtude.

Seria então o pecado um fim? Já que o Pecado Original inaugura a história humana? Ou, dialeticamente, seria a virtude um fim desses princípios marcados por um pecado de origem?

Penso que o momento genial do artigo do Herculano é quando ele descobre a farsa de Deus, que faz uma encenação do primeiro princípio. O verbo já era um fim em si mesmo. Já existia em função da carne que iria possibilitar ao criador usufruir o efeito da liberdade consciente do homem e da mulher. Efeito sempre inesperado e inapreensível mesmo para Deus. A Liberdade humana foi sem dúvida o melhor e o mais nobre invento do criador (talvez como as grandes descobertas obra do acaso) que acabou por criar algo que ele jamais dominaria quebrando o enfado de ser onipotente, onipresente e onisciente. Ao “dar” (sou livre por humano direito) o livre arbítrio Deus acabou sendo co-autor (com os homens) do que Herculano chama de *harmonia do caos*, que nada mais é que o resultado do princípio da liberdade adicionado à vida.

Nasce com as primeiras experiências da adquirida liberdade os inexoráveis conflitos ditados pela diferença. A ambivalência já preside soberana. O Homem seria livre para o pecado e para religiosidade, para o bem e para o mal, para o conhecimento e para a ignorância. Seria livre para ser senhor e até para ser escravo - Afinal se o senhor assenhore-se do gozo do escravo o preço que paga é perder sua humanidade pois não o reconhece. Incapaz de outra coisa que não seja gozar condenado está a idiotia de nunca conhecer a diferença. De reconhecer o outro como outro e não como uma extensão do si mesmo. Reconhecimento, que possui o escravo com sua dor do seu senhor, que pode inaugurar a relação.

Relação que já existia, de algum modo, desde o início dos tempos. Pois se não houvesse relação antes não teríamos o mundo e ainda, se todas as relações cessassem esse mesmo mundo acabaria.

Diz Herculano: “*E, no princípio, no meio e no fim a relação*”. Talvez o fim do princípio. A RELAÇÃO. Com essa inspiração acaba por fazer justiça ao seu nome; pois tomou, sem se dar conta, para si o 13º trabalho de Hércules ao re-significar o gênese. Poderia dizer que Herculano faz uma paráfrase do Evangelho de São João:

*“No princípio existia o Verbo,  
e o verbo estava em Deus,  
e o Verbo era Deus (...)*

Temos então:

*“No princípio existia a relação  
e a relação estava em Deus,  
e a relação era Deus”*

E tendo Herculano (e seus bichos) criado tudo isso, olhou e disse:  
Foi bom!  
Foi? Foi.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).